

**A PRESENÇA DE DILTHEY E DE DURKHEIM NA CONSTITUIÇÃO DA DISCIPLINA
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL NO SÉCULO XX***

*The presence of Dilthey and Durkheim in the establishment of the discipline of History of
Education in Brazil in the 20th Century*

Décio Gatti Júnior**

RESUMO

Trata-se da comunicação sintética dos resultados de investigação recente no âmbito da História Disciplinar da História da Educação, na qual se buscou conhecer os autores e os manuais de História da Educação mais comumente utilizados nos processos de formação de professores em cursos de licenciatura, em especial, de Pedagogia, por meio, inicialmente, do levantamento e da leitura de bibliografia sobre o processo de institucionalização da formação de professores. Em paralelo, foram realizados o levantamento, a digitalização e a análise de documentação referente aos projetos de curso e planos de ensino da disciplina no âmbito da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) e da antiga Seção de Educação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP (depois Seção de Pedagogia e Departamento de Educação), bem como o levantamento e o registro de informações básicas acerca dos manuais de História da Educação disponíveis na Biblioteca da FEUSP. A partir dessas informações, foram selecionados para análise os manuais de Dilthey e de Durkheim e, por decorrência, os de Luzuriaga e de Larroyo. Nesse sentido, foi necessário investir no conhecimento mais aprofundado da variante do historicismo alemão aberta por Dilthey e do positivismo de corte durkheimiano, o que tornou possível empreender a análise do pensamento dos autores em referência, bem como compreender as ideias que animaram mais de uma geração de professores e de pesquisadores em História da Educação e em Filosofia da Educação, particularmente, na Universidade de São Paulo, mas, também, em diversas outras instituições brasileiras e estrangeiras durante o Século XX.

Palavras-chave: História, Educação, Historiografia, Programas de Ensino, Manuais de Ensino.

ABSTRACT

This is a synthetic statement of the results of recent investigation in the sphere of Disciplinary History of the History of Education in which we sought to know the authors and manuals in History of Education most commonly used in the processes of teacher training in teaching degree courses, especially Pedagogy, initially by means of surveying and reading the bibliographical materials regarding the process of institutionalization of teacher training. Concomitantly, a survey, digitalization and analysis of documentation were made in reference to course projects and

* Versão modificada do trabalho apresentado no IX Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação que teve lugar na Universidade de Lisboa, entre 12 e 15 de julho de 2012, no qual foram comunicados os resultados de investigação alcançados no projeto de pesquisa intitulado “Intelectuais, instituições e circulação internacional de ideias no processo de constituição da disciplina História da Educação no Brasil (1840-2000)”, realizada no âmbito de estágio de pós-doutorado sênior na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), sob a supervisão da Profa. Dra. Denice Barbara Catani, com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Projeto este que tem contado também com o apoio em seu desenvolvimento do Programa Pesquisador Mineiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG).

** Doutor em Educação: História e Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com estágio de pós-doutorado concluído na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Professor Associado IV de História da Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1D. Beneficiário do Programa Pesquisador Mineiro da FAPEMIG. E-mail: degatti@ufu.br

teaching plans of the discipline within the sphere of the School of Education of the Universidade de São Paulo (University of São Paulo) (FEUSP) and of the former Education Sector of the Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (College of Philosophy, Science and Language) of USP (subsequently Pedagogy Sector and Department of Education), as well as a survey and registration of basic information regarding the manuals of History of Education available at the FEUSP Library. Based on this information, the manuals of Dilthey and Durkheim were selected for analysis and, consequently, those of Luzuriaga and Larroyo. In this respect, it was necessary to deepen knowledge regarding the variant of German historicism initiated by Dilthey and of Durkheim style positivism, which made it possible to undertake analysis of the thought of the authors in question, as well as to understand the ideas that inspired more than a generation of professors and researchers in History of Education and in Philosophy of Education, especially at the University of São Paulo, but also in various other Brazilian and foreign institutions during the 20th Century.

Keywords: History, Education, Historiography, Teaching Programs, Teaching Manuals.

A pesquisa que deu origem ao texto desse artigo consistiu em desdobramento de esforços investigativos anteriormente realizados na busca da compreensão dos processos de configuração e de reconfiguração do ensino da disciplina de História da Educação ao longo do tempo e em diferentes lugares institucionais, com análise que privilegiou a construção de um histórico básico das instituições vinculadas ao ensino da disciplina, bem como o exame dos programas, dos planos de ensino e dos manuais didáticos¹.

Tematicamente, partiu-se da constatação de que a dinâmica sócio-histórica de constituição da disciplina incluiu a ação e o intercâmbio de ideias em termos internacionais de intelectuais afetos a área educacional, particularmente no âmbito da História da Educação, com análise, em seguida, da forma específica como foram apropriadas e utilizadas essas ideias por intelectuais de outros países. Evidência desse processo pode ser constatada no volume de obras estrangeiras e de traduções no âmbito da História da Educação que circularam no Brasil com maior intensidade no período compreendido entre 1840 e 1960 e, com menor intensidade, a partir de 1990, bem como na significativa frequência com a qual essas obras foram utilizadas no ensino da disciplina nos cursos afetos a formação de professores (GATTI JR., 2009).

O caminho dos estudos e pesquisas realizados no âmbito do estágio pós-doutoral na FEUSP não foi linear, pelo contrário, à medida que o contato com bibliografia ampliava-se, bem como eram acessados os conteúdos dos planos e manuais de ensino, foram sendo percebidas lacunas de conhecimento que demandaram busca e aprofundamento de leituras. Em uma frente, sobre o processo de gênese, de desenvolvimento inicial e da situação mais próxima no tempo da disciplina História da Educação no âmbito da USP, o que levou ao conhecimento dos percursos institucionais e de docentes no interior das faculdades, a partir de bibliografia localizada na biblioteca da FEUSP que abordava à temática da pesquisa em curso. Em outra frente, dada a percepção do papel

¹ Trata-se do projeto desenvolvido entre 2007 e 2010, intitulado “Lugares, Tempos, Saberes e Métodos de Ensino da Disciplina História da Educação na Formação de Professores no Brasil Contemporâneo (1930-2000)”, com apoio do CNPq e da FAPEMIG e com resultados publicados em Gatti Jr. (2009, 2010 e 2011).

significativo das ideias de Dilthey e de Durkheim na constituição da disciplina na USP, não somente, mas, também em muitos outros lugares institucionais (no país e no exterior), houve necessidade de investimentos consideráveis em estudos relacionados à compreensão minimamente possível, em razão do tempo disponível, do processo de construção científica da História, nesse caso, instado pela via da História da Educação, em perspectivas concorrentes: o historicismo transcendental de Dilthey² e a sociologia de Durkheim, o que se devia, em muito, ao fato dos dois autores terem redigido cursos de História da Educação (Pedagogia) que ministraram em universidades europeias entre o final do Século XIX e o início do Século XX, com desdobramentos futuros em obras muito utilizadas nos bancos universitários brasileiros, em especial, Luzuriaga (1963) e Larroyo (1974, 1979).

Aqui, é interessante observar, que houve, ainda que de modo imprevisto, a retomada de uma temática há muito tempo secundarizada na vida acadêmica do autor desse artigo, ao menos desde 1986, quando frequentou as disciplinas básicas do curso de graduação em História, sendo uma delas, a “Introdução aos Estudos Históricos”, da qual constava como texto fundamental a obra de Robin George Collingwood, intitulada “A Ideia de História” (1978) que, à época, era lida com dedicação, mas, com grande dificuldade de compreensão³. Porém, após os estudos e pesquisas realizados, mas, também, graças à série de cursos sobre epistemologia da pesquisa realizados no decorrer dos processos de formação em nível de mestrado e de doutorado, há, agora, alguma possibilidade de retomada, com mais qualidade, da leitura de uma obra que, à época, causava admiração e, simultaneamente, dificuldade de compreensão, mas que permaneceu como desafio a ser transposto.



Robin George Collingwood

1. O trabalho de contextualização

Ainda que na investigação realizada o interesse recaísse sobre os manuais de ensino, foi necessário conhecer minimamente os caminhos percorridos pela disciplina, em especial, por meio, inicialmente, da busca do conhecimento da bibliografia que tratasse da criação e do desenvolvimento da universidade, sobretudo, do processo de institucionalização da formação de professores em seu âmbito, com especial atenção, a forma como foi introduzida e se desenvolveu a disciplina de História da Educação⁴, tendo como resultado a formulação de um histórico básico da formação de professores e da disciplina em exame no âmbito da USP.

² Para uma compreensão mais detida do historicismo, principalmente entre os historiadores alemães em suas diversas variantes, entre as quais a de Dilthey, sugere-se a leitura de José Carlos REIS (2006) e de Etienne FRANÇOIS (1993a, 1993b).

³ Conforme informa José Carlos REIS (2006, p. 216), Collingwood representava o historicismo inglês, à semelhança do papel desempenhado por Raymond Aron, na França.

⁴ Com destaque para: BONTEMPI JR. (2001, 2008, 2010); BARROS (2001a, 2001b); CARVALHO (1998, 2011); CATANI e FÁRIA FILHO (2001); FETIZON (1986); GATTI JR. (2011); GHIRALDELLI JR. (1994); MONARCHA (2007, 2009); NÓVOA (1994); NUNES (1992, 1996); SOUZA (2001); VIDAL, VICENTINI, SILVA e SILVA (2005).

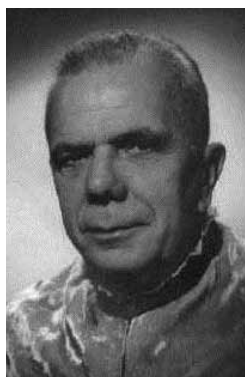
Assim, sinteticamente, consta a disciplina “Filosofia e História da Educação” do currículo do antigo Instituto de Educação (Escola de Professores da Escola Normal da Capital), criado em 1933, com a História da Educação funcionando como uma espécie



Roldão Lopes de Barros

de apêndice da Filosofia da Educação, tendo o Prof. Roldão Lopes de Barros a sua frente. A disciplina integrava a primeira seção, da qual também faziam parte às disciplinas de Psicologia, Pedagogia e Prática de Ensino. (VIDAL; VICENTINI; SILVA; SILVA, 2005, p. 164). Em 1938, houve a integração da Seção de Educação (depois de Pedagogia, em 1940), à Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP (FFCL/USP), o Prof. Roldão Lopes de Barros assume a Cadeira de Filosofia e História da Educação. Nessa época, o conteúdo da disciplina era dividido em duas partes: na primeira, História da Educação, tratando dos gregos, romanos, medievos e renascentistas, bem como, de pensadores tais como, Locke, Rousseau, Pestalozzi, Herbart, Froebel, Spencer e Dewey, encerrando com o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, de 1932; na segunda parte, Filosofia da Educação (BONTEMPI JR., 2011, p. 196-7).

José Querino Ribeiro⁵, egresso do curso de Ciências Sociais da FCCL/USP, trabalhava com Roldão Lopes de Barros desde o Instituto de Educação, tendo sido primeiro assistente em comissão da Cadeira de História e Filosofia da Educação até 1941; assistente extranumerário da Cadeira de Administração Escolar, de 1941 a 1942 e,



José Querino Ribeiro

primeiro assistente da Cadeira de História e Filosofia da Educação, entre 1942 e 1947. Em acordo com Barros, Ribeiro, lecionou, a partir de 1941, ao lado da História Geral da Educação, a História da Educação Brasileira. Em 1942, a disciplina passou a constar da Seção de Pedagogia sob a nomenclatura História e Filosofia da Educação. É importante salientar que Ribeiro defendeu, em 1943, a primeira tese sobre História da Educação Brasileira no âmbito da FFCL/USP, intitulada “Ensaio sobre a significação e a importância da memória sobre a reforma dos estudos na Capitânia de São Paulo, escrita em 1816 por Martim Francisco Ribeiro de Andrade Machado”, sob a orientação de Alfredo Ellis Jr., catedrático de História da Civilização Brasileira e membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), na qual observou a presença de textos originariamente de Condorcet, conforme narrado em Vidal; Vicentini; Silva; Silva (2005, p. 165-6).

⁵ José Querino Ribeiro, segundo informa Chizzotti (2002, p. 639) cursou “[...] o bacharelado e licenciatura em Ciências Sociais na FFCL/USP, de 1938 a 1940, tendo sido nomeado [...] primeiro assistente da Cadeira de Filosofia e História da Educação da referida Faculdade. Tornou-se professor contratado da Cadeira de Administração Escolar e Educação Comparada da FFCL/USP, em 1948. Catedrático da mesma Cadeira, em 1953. Nesta posição, passou a desempenhar atividades no âmbito da USP e do Estado. Foi encarregado pelo governo estadual da instalação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, da qual foi diretor nos anos de 1957 e de 1958. Na USP, tornou-se membro do Conselho Técnico-Administrativo da FFCL e, em 1963, diretor do Departamento de Educação. Foi um dos fundadores da Faculdade de Educação, na reforma da Universidade de 1970, havendo ocupado sua direção, como Vice-Diretor e, depois, Diretor, no período de 1970 a 1976 [...]”.

Fernando de Azevedo, então diretor da FFCL/USP, onde era professor catedrático de Sociologia, elaborou e viu publicada, em 1943, como introdução ao Recenseamento Geral do Brasil de 1940, a obra “A Cultura Brasileira: introdução ao estudo da Cultura no Brasil” que somava 535p, (edição em grande formato). Obra monumental e que ocupava simultaneamente o lugar de memória da escolarização nacional e do estudo científico sobre a educação no Brasil, nos marcos do modelo sociológico de Durkheim, priorizando o exame das organizações escolares. Azevedo ocuparia a Secretaria de Educação de São Paulo, em 1947; dirigiria a Biblioteca Pedagógica Brasileira da Cia. Editora Nacional, até 1946; dirigiria o Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo (CRPE-SP), de 1955 a 1961 e, redigiria, com outros, o Manifesto dos Educadores Novamente Convocados de 1959 (VIDAL; VICENTINI; SILVA; SILVA (2005, p. 165-6).



Fernando de Azevedo

Em 1943, Laerte Ramos de Carvalho⁶, tornou-se instrutor voluntário da Cadeira de Filosofia da FFCL/USP, sob os cuidados de Cruz Costa e, em 1944, passou a 1º. assistente da referida Cadeira, onde permaneceria até 1955. Simultaneamente, em 1948, ingressou na Cadeira de História e Filosofia da Educação, como assistente de Roldão Lopes de Barros. Em 1951, obteve o doutorado em Filosofia com a tese “A formação filosófica de Farias Brito”, na qual, Bontempi Jr. (2002, p. 674-5) enxerga a adoção de pressupostos teórico-metodológicos advindos dos primeiros escritos de Dilthey e a vocação de Carvalho para o estudo das “ideias pedagógicas”. Ainda nesse ano de 1951, por ocasião da morte de Roldão Lopes de Barros, Carvalho, tornou-se interino da Cadeira de História e Filosofia da Educação no âmbito da Seção de Pedagogia da FFCL/USP, para a qual buscou condições para assumir a cátedra. Segundo informa Bontempi (2010, p. 101-2), Carvalho submeteu à tese de concurso de cátedra “As Reformas Pombalinas da Instrução Pública” à banca examinadora em 1952. Porém, devido, ao recurso interposto junto ao Conselho Estadual de Educação (CEE), por Rafael Grisi, em que questionava o fato de Carvalho não ser formado em Pedagogia, a defesa da tese de cátedra só foi possível em 1955, após o indeferimento do recurso pelo CEE. Para Bontempi Jr. (2010, p. 102), a atitude de Grisi



Laerte Ramos de Carvalho

⁶ Laerte Ramos de Carvalho, segundo informa Bontempi Jr. (2010, p. 101), ingressou “[...] em 1940 na FFCL da USP, onde concluiu o bacharelado, em 1942, e a licenciatura, em 1943. Foi professor de Filosofia em escolas secundárias da capital paulista. Entre 1944 e 1955 foi assistente de Cruz Costa na Cadeira de Filosofia. Em 1951, ano em que defendeu o doutorado, assumiu interinamente a cadeira de História e Filosofia da Educação em substituição a Roldão Lopes de Barros, de quem vinha sendo assistente desde 1948. Foi regente dessa cadeira até a criação da Faculdade de Educação, em 1969, de que foi o primeiro diretor. Foi colaborador e redator de *O Estado de S. Paulo* de 1946 a 1962, diretor do Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo, de 1961 a 1965, membro do Conselho Estadual de Educação de São Paulo de 1963 a 1972, ano de seu falecimento”.

[...] expressa em nível pessoal uma questão institucional que pode ser compreendida na história da formação daquela faculdade. A Seção de Pedagogia, de que era parte a cadeira em concurso, não estava presente em sua estrutura original, mas fora incorporada em 1938 com a extinção do Instituto de Educação, apêndice em que se oferecia a formação para os candidatos ao magistério. Essa incorporação, a começar pela conversão automática dos antigos “lentes” regentes das cobiçadas cátedras vitalícias da faculdade, produziu um mal-estar generalizado que, somado ao desprestígio da profissão de professor e das chamadas “ciências da educação”, criou diversas situações de conflito.

No que se refere aos assistentes escolhidos por Carvalho. É importante destacar que também eram originários do Curso de Filosofia oferecido no âmbito da FFCL/USP: Roque Spencer Maciel de Barros⁷ (assistente de Carvalho a partir de 1951) e João Eduardo Rodrigues Villalobos⁸ que tiveram papel destacado na constituição da área de História e Filosofia da Educação. Barros, por sinal, participou ativamente de processos de construção da FEUSP e mesmo das reestruturações pelas quais passaria a USP desde o final da década de 1960. No que se refere à História e Filosofia da Educação, Barros asseverava que

Professores de Filosofia e de História da Educação, nunca reduzimos nossas preocupações ao sentido estrito da “pedagogia” como teoria dos métodos da aprendizagem ou história das instituições escolares, obra sem dúvida das mais alta relevância mas que, por temperamento e formação, nunca chegou a seduzir-nos. Cremos, aliás, que a pedagogia é algo inteiramente incompreensível, nas suas manifestações históricas ou atuais, se desligada dessas perguntas fundamentais sobre a existência, sobre o destino do homem e de seu povo, que se exprimem, de forma diversa, mas com grande semelhança, na obra do filósofo, na criação do artista, nas decisões do político, nas buscas do cientista, enfim na grande aventura da cultura humana (BARROS, citado em HAIDAR, 2002, p. 948).

⁷ Roque Spencer Maciel de Barros, segundo informa Haidar (2002, p. 944-51), cursou o Clássico no Colégio Paulistano, de 1943 a 1945, quando encontrou Laerte Ramos de Carvalho, em aproximação que se estendeu até o falecimento precoce de Carvalho, em 1972. Em 1946 ingressou no Curso de Filosofia da FFCL/USP, com conclusão do Bacharelado em 1948 e a Licenciatura em 1949. Iniciou sua carreira na USP como assistente extra-numerário da Cadeira de Filosofia, sob os cuidados de Cruz Costa, tornado-se, em 1951, primeiro assistente da Cadeira de História e Filosofia da Educação da FFCL/USP, sob os cuidados de Laerte Ramos de Carvalho, lecionando então História e Filosofia da Educação na faculdade. Em 1955, doutorou-se com a tese *A Evolução do pensamento de Pereira Barreto e o seu significado pedagógico* e, em 1959, obteve a livre docência em História e Filosofia da Educação, com a tese *A ilustração brasileira e a ideia de universidade*. Tornou-se adjunto em 1968 e titular em Filosofia da Educação em 1973, com a tese *A significação educativa do romantismo brasileiro: Gonçalves de Magalhães*. Foi diretor da FEUSP entre 1976-80. Colaborou em mais de uma oportunidade na redação do jornal O Estado de S. Paulo, sendo editorialista da área de Educação de 1965 a 1989.

⁸ João Eduardo Rodrigues Villalobos, segundo informa Pallares-Burke (2002, p. 537-45), iniciou, mas não concluiu, o Curso de Direito na USP. Ao invés disso, paralelamente, cursou Filosofia na FFCL/USP, obtendo o Bacharelado em 1951 e a Licenciatura em 1952. Em 1955, lecionava Filosofia no ensino secundário paulista e, simultaneamente, iniciava sua carreira universitária como assistente extra-numerário da Cadeira de História e Filosofia da Educação, sob os cuidados de Laerte Ramos de Carvalho, na FFCL/USP. Em 1962, afastou-se do ensino secundário, assumindo o trabalho de professor universitário em tempo integral. Doutorou-se em 1967, com tese publicada em 1969, sob o título *Diretrizes e Bases da Educação – Ensino e Liberdade*. Em 1970, pela reestruturação da USP, passou a ser professor da FEUSP, tornando-se, em 1975, Professor Titular do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada, com aposentadoria em 1986. Teve ativa participação na Campanha em Defesa da Escola Pública, bem como procurou ao longo de sua carreira e da vida pessoal manter coerência entre pensamento e ação, a partir de uma visão da organização social cujos pressupostos podem ser vistos, em John Dewey e Anísio Teixeira. À semelhança de Laerte Ramos de Carvalho e de Roque Spencer Maciel de Barros, colaborou por muitos anos nos jornais O Estado de S. Paulo e no Jornal da Tarde.

A partir da liderança de Laerte Ramos de Carvalho, com apoio de seus assistentes, outros pesquisadores foram instados a redigir trabalhos monográficos na direção de construir uma história da educação brasileira original e, a partir do exame de fontes primárias, como uma forma de se opor ao método de construção da História da Educação brasileira de Azevedo, incluindo: Heládio César Gonçalves Antunha, José Mario Pires Azanha, Maria de Lourdes Marioto Haidar, Casemiro Reis Filho, Jorge Nagle entre outros (VIDAL; VICENTINI; SILVA; SILVA, 2005, p. 168).

Em 1962, a Seção de Pedagogia, tornou-se o Departamento de Educação da FFCL/USP. Mais a frente, como reflexo da Reforma Universitária de 1968, estes professores tiveram então a oportunidade de integrar o processo de constituição da FEUSP, em 1969, como decorrência da Reforma Universitária de 1968. Na agora faculdade, manteve-se a tendência de centrar as investigações de cunho histórico-educacional, no exame das instituições escolares e dos sistemas de ensino, mas, também, a partir das iniciativas anteriores de Roque Spencer Maciel de Barros, de dar consistência a uma linha de pesquisa focada na história das ideias.

A esse respeito é importante ressaltar que, em termos políticos, em comum com as ideias de Dilthey e de Dewey, o liberalismo do grupo que orbitava em torno de Laerte Ramos de Carvalho, expressava uma visão de escola como um direito de todos, gerador e propugnador do ideal democrático, em uma sociedade que, por meio de reformas, pela via pacífica e sem rupturas aceleradas, poderia rumar para a equalização das desigualdades sociais, obviamente, rechaçando movimentos extremistas que teriam chance de conduzir para a tirania do Estado.

O credenciamento para a oferta do Curso de Mestrado no âmbito da FEUSP datou de 1971, com concentração nas áreas de Administração Escolar, Didática e História e Filosofia da Educação, sendo que esta última área alavancou os estudos de doutorado, com credenciamento retroativo a 1978.

Por seu turno, o ponto de virada no campo da historiografia da Educação a partir da FEUSP tem sua gênese, no final da década de 1980, por meio do convênio firmado entre a USP e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), no qual José Mário Pires Azanha conseguiu levar a termo, a partir de 1989, um programa de pesquisas sobre a cultura escolar brasileira, concretizando uma maior aproximação da História da Educação com o que de novo se manifestava no campo historiográfico mais geral, mas, também, em relação a outras ciências sociais, o que se fez, sobretudo, com intercâmbio de pesquisadores e de ideias na rota Brasil-França, mas, em seguida, também com Portugal (SOUZA, 2001). A constituição do Centro de Memória da Educação da FEUSP é um dentre os muitos desdobramentos dessa importante iniciativa⁹.

A partir dos esforços de construção desse pequeno histórico, foi possível selecionar um aspecto de aprofundamento para a compreensão dos percursos da disciplina História e Filosofia da Educação, inicialmente juntas e, depois, separadas em disciplinas próximas, por meio da escolha em compreender melhor os fundamentos de duas posições que

⁹ Para maiores informações sobre o Centro de Memória da Educação da FEUSP, consulte o endereço eletrônico: <http://www.cme.fe.usp.br> (Acessado em 16/04/2012).

marcaram as disputas no campo da historiografia da educação, mas também, do ensino da disciplina, qual sejam: o historicismo de Dilthey e a sociologia de Durkheim.

2. Projetos de curso, planos de ensino e manuais de História da Educação

Em seguida, foram encontrados, relacionados e, na maior parte das vezes, digitalizados os programas de ensino afetos as disciplinas de História e Filosofia da Educação, depois, História da Educação e Filosofia da Educação, mais especificamente, no período de 1964 ao atual, sendo que no período posterior a 1969 foi possível acessar a documentação arquivada na própria FEUSP, da qual constam as principais propostas e alterações curriculares do Curso de Pedagogia (de 1970, 1989, 2000 e 2007), bem como o rol de disciplinas sobre responsabilidade da mesma junto as demais licenciaturas da universidade, o que permitiu visualizar não somente os programas de História da Educação e de Filosofia da Educação, mas também, uma série de outros programas de disciplinas, sendo que, a partir da década de 1990, é possível encontrar programas de inúmeras disciplinas optativas que passam a constituir também o rol daquelas afetas às temáticas da História da Educação.

Como resultado, somaram-se às 71 páginas com programas coligidos por Barros (2001b), a propósito das comemorações dos trinta anos de existência da FEUSP, outras 684 páginas digitalizadas, contendo propostas curriculares e programas das respectivas disciplinas, o que totalizou 755 páginas. Porém, como a ideia de coletar esses programas de ensino estava vinculada ao exame dos temas e da bibliografia mais usualmente utilizados, pôde-se constatar, ainda que resumidamente, um primeiro momento da disciplina que perdurou até meados da década de 1970, no qual a presença de um ponto de vista mais próximo de questões teórico-filosóficas animava o ensino praticamente conjugado de História da Educação e de Filosofia da Educação, com alguma possibilidade de proximidade, ainda a ser analisada, com os estudos afetos a Educação Comparada que aparecem nos programas do Curso de Pedagogia desde a década de 1960.

Característica desse período que se estende ao menos até o final da década de 1980, está na preocupação de um conhecimento aprofundado dos fundamentos clássicos da Pedagogia, para em seguida, valorizar, sobretudo, a análise das contribuições do pragmatismo norte-americano e da filosofia alemã. Assim, Dewey e Dilthey eram muito presentes nas indicações bibliográficas tanto de disciplinas afetas à História da Educação quanto à Filosofia da Educação no período. Todavia, no período seguinte, designadamente, desde a década de 1990, houve mudanças consideráveis, sobretudo quanto à emergência de novas tendências e objetos da pesquisa em História da Educação, com paulatino afastamento de seus marcos fundadores filosóficos e aproximação de outras ciências humanas, em especial, das ciências sociais, o que se somou às novas temáticas abordadas nas aulas da disciplina, com novas bibliografias de referência, bem como com diversificação de oferta de disciplinas, com temas bastante recortados, para além das disciplinas obrigatórias, na forma de disciplinas optativas.

Após esse trabalho junto aos programas de ensino, empreendeu-se o levantamento e digitalização de partes importantes (capa, ficha catalográfica, sumário e prefácios) de mais

de uma centena de manuais didáticos de História da Educação, com autores estrangeiros e brasileiros, localizados na Biblioteca da FEUSP, sendo o mais antigo com edição datada de 1895 (Compayré) e o mais recente, com edição datada de 2010 (Böhm). Material que possibilitou a digitalização de um total de 1625 páginas, devidamente separadas em relação a cada um dos manuais encontrados. Desse trabalho resultou o levantamento da existência na Biblioteca da FEUSP de ao menos: 1) 39 títulos de obras com autores estrangeiros, publicadas em editoras do exterior, publicadas entre 1895 e 1980; 2) 20 títulos de traduções de obras com autores estrangeiros, publicadas no exterior, entre 1910 e 1981; 3) 13 títulos de traduções de obras com autores estrangeiros, publicadas no Brasil, entre 1946 e 2010; 4) 25 títulos de obras com autores brasileiros, publicadas no Brasil, entre 1914 e 2010; 5) 03 títulos de traduções de obras com autores estrangeiros, publicadas em Portugal entre 1908 e 1931¹⁰.

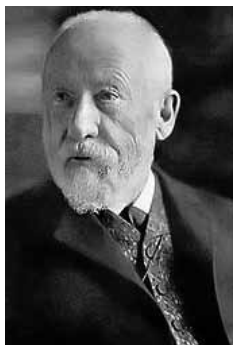
Quanto ao número de exemplares relacionados a cada um desses títulos, há muita variação, sendo que alguns poucos possuem até mais de vinte exemplares; outros, de dois a cinco exemplares; outros ainda, apenas um exemplar. Nessa direção, constatou-se forte presença de exemplares das obras de Luzuriaga (1963) e de Larroyo (1974; 1979), o que coincidiu com a constatação expressa em Gatti Jr. (2011), bem como ao fato de que esses autores ainda na primeira década do presente século são bastante mencionados nos programas da disciplina História da Educação em um conjunto significativo de instituições de educação superior brasileiras. Além disso, há forte presença de exemplares da obra de Eby (1970). Porém, como há coincidência de influências teóricas nas obras de Luzuriaga e de Larroyo, dados os limites de tempo para a presente investigação, buscou-se concentrar os esforços na compreensão de dois autores matriciais para ambos, Dilthey e Durkheim, mas, também, nas obras deles próprios, o que se poderá observar mais a frente. O primeiro, Dilthey, tem muitas de suas obras indicadas nos programas de História e Filosofia da Educação e de Filosofia da Educação no âmbito do Curso de Pedagogia da FEUSP, de modo mais marcante até 1972 e foi referência constante na pesquisa e no ensino para professores como José Querino Ribeiro, Laerte Ramos de Carvalho e Roque Spencer Maciel de Barros. O segundo, Durkheim, apesar de não ser mencionado diretamente, além de citado em Luzuriaga e Larroyo, inspirou Azevedo na redação de *A Cultura Brasileira*, de 1943, com impacto sobre gerações de historiadores da educação que, em muitas vezes, desconheciam essas contendas teórico-metodológicas que, por fim, também se consubstanciam em diferentes formas de ver a sociedade e a ação social¹¹.

¹⁰ É provável que os números sejam ainda maiores, seja pela localização diversificada dos livros em prateleira, seja pelas diferentes entradas possíveis nos catálogos *on line* disponíveis para a Biblioteca da FEUSP, sem mencionar, também, o que possa estar disponível em outras bibliotecas da própria USP. Todavia, a relação completa e detalhada dos materiais que foi possível levantar nessa oportunidade consta em GATTI JR., 2012.

¹¹ A esse respeito é elucidativo o texto de Bruno BONTEMPI JR. (2008, p. 50-1), no qual assevera que “Em *A cultura brasileira*, Fernando de Azevedo propõe-se a realizar uma síntese, ou seja, um trabalho de unificação dos conhecimentos dispersos, de fixação do que é essencial, de estabelecimento das leis gerais e das tendências da evolução da sociedade brasileira. Para Azevedo, é a Sociologia a ciência que permite a síntese, ao desprender e isolar o fato social da complexidade de seus condicionantes, a fim de estabelecer as leis gerais que regulam a gênese, a organização e a evolução da vida social”.

3. As contribuições de Dilthey e de Durkheim

Na Biblioteca da FEUSP, em concomitância com as reflexões realizadas anteriormente, há manuais de História da Educação de autoria de Wilhelm Dilthey¹² (1833-1911) *Historia de La Pedagogía*, 7ª. edição da tradução para o espanhol, de 1965, a



Wilhelm Dilthey

partir de obra de 1934 e de Emile Durkheim¹³ (1858-1917), *A Evolução Pedagógica*, primeira edição da tradução para o português, de 1995, a partir de obra de 1938. O primeiro, filósofo alemão, teve publicado, em 1934, no interior de suas “Obras Completas” (*Gasammelte Schriften*), um texto de “Historia da Pedagogia”. O segundo, sociólogo francês, teve publicado, em 1938, um livro intitulado “A Evolução Pedagógica” (*L'évolution pédagogique en France*). O impacto desses autores e de suas obras sobre os historiadores da educação foi significativo, seja na leitura direta, seja

na influência sobre autores que tiveram ampla circulação dessas obras nos meios universitários brasileiros, incluindo Lorenzo Luzuriaga (1889-1959) e Francisco Larroyo (1908-1981), mas, também, como vimos, sobre a geração de professores da USP que



Émile Durkheim

trabalharam com História da Educação, Filosofia da Educação e Sociologia da Educação, sobretudo, entre as décadas de 1940 e 1970, seja na FFCL/USP ou, mais a frente, na FEUSP. Manuais elaborados em função dos cursos ministrados por Dilthey e Durkheim em importantes universidades europeias, em uma época de grandes mudanças: industrialização, estatização, cientificação, escolarização, institucionalização da formação de professores, nacionalismo, imperialismo etc. Nesse contexto é que se operou o trabalho desses intelectuais, ambos envolvidos com

proposições epistemológicas de grande envergadura e que coincidentemente ministraram cursos de História da Pedagogia.

Nesse sentido, Ghiraldelli Jr. (1994) vincula a ação de Dilthey e de Durkheim ao movimento de criação e de institucionalização de novos cursos e de novas disciplinas na

¹² Em termos biográficos, Dilthey nasceu em Biebrich (Alemanha), em 1833, tendo falecido em Siusi allo Sciliar (Itália), em 1911. Filho de um teólogo da Igreja Reformada, ele estudou teologia em Heidelberg e Berlim. Em seguida, orientou-se para a filosofia, concluindo o doutorado na Universidade de Berlim. Foi professor na Universidade de Basiléia (1866), onde era bem expressiva a presença do positivismo. Estudou ótica e psicofísica e voltou-se para as pesquisas psicológicas e os estudos históricos e literários, com foco especial para a Pedagogia e a Ética. Após lecionar nas universidades de Kiel (1869) e Bratislava (1871), assumiu, em 1882, a cátedra de Lotze (1817-1881) na Universidade de Berlim.

¹³ Durkheim nasceu em Épinal (1858) e faleceu, em Paris (1917). Apesar da tradição familiar, recusou-se a tornar-se rabino e cursou a *École Normale Supérieure*, onde obteve a agregação em Filosofia (1882). Ministrou cursos de Pedagogia e Ciências Sociais na Universidade de Bordéus até 1902, quando foi nomeado para uma cátedra na Sorbonne, onde ministraria curso sobre a evolução pedagógica na França (1904-14). Admitia que a disciplina histórica era indispensável a sociologia, mas como “fornecedora do material que a sociologia aproveitará para deduzir regularidades e, se possível, leis” (BESNARD, 1993, p. 250).

Europa. Para ele, Dilthey buscou fundamentos epistemológicos para as ciências do espírito (por meio do desenvolvimento de uma psico-história) e, Durkheim, deu continuidade à construção da moderna sociologia. Em suas palavras:

Dilthey e Durkheim vão além de um trabalho geral de delimitação e fundamentação das ciências da sociedade e da cultura. Convencidos da importância da razão histórica, partilham da idéia de que a formação pedagógica correta do professor primário e/ou secundário deve se pautar por um sólido conhecimento das formas educacionais e pedagógicas do passado. Trabalhando com essa idéia eles se tornam, durante algum tempo, historiadores da educação. Rediscutindo esse assunto, colaboram para a fixação de disciplinas com o nome de “história da educação” e similares, e praticamente deixam uma marca que se transfere decisivamente à historiografia da educação produzida posteriormente, principalmente aquela historiografia típica dos manuais ligados à formação dos professores e educadores. Mais conhecidos como “teórico das ciências do espírito” e “pai da sociologia moderna”, Dilthey e Durkheim são, também, historiadores da educação, responsáveis por determinados tipos de pensamento de gerações subseqüentes de professores e pesquisadores desta área do saber. E talvez seja possível dizer que eles, enquanto historiadores da educação, se vincularam ao historicismo e ao positivismo de maneira bastante peculiares, distintas daquelas descritas pela maioria dos comentadores e historiadores da filosofia e das ciências sociais; isto é, talvez o historicismo e o positivismo tenham encontrado suas formas mais típicas em Dilthey e em Durkheim justamente enquanto historiadores da educação (GHIRALDELLI JR., 1994, p. 69-70).

Sobre Dilthey, consta ainda em François (1993, p. 229), que

[...] o essencial de sua reflexão foi consagrado à elaboração de uma teoria do conhecimento das ‘ciências do espírito’ [...], nesse esforço, a reflexão sobre a história ocupa lugar central, consciente das fraquezas teóricas e metodológicas do empirismo positivista [...], Dilthey procurou alcançar dois objetivos: dar novamente à pesquisa histórica bases filosóficas e científicas seguras [...]; ajudar em seguida a compreender as origens e a estrutura (*Zusammenhang*) do espírito europeu. Para Dilthey, a originalidade da ‘compreensão’ (*Verstehen*) na história (como nas outras ‘ciências do espírito’, por contraposição às ciências da natureza) decorre do fato de que o objeto do saber é ao mesmo tempo seu sujeito – e de que, em tais condições, as categorias da compreensão histórica são quase as mesmas da experiência vital (*Erleben*). Mas, diferentemente dos historiadores de seu tempo, Dilthey acentua os componentes irracionais da natureza humana. Para ele, o pensamento, é tanto uma expressão de funções vitais quanto um processo racional. Em última instância, o pensamento é subjetivo e pessoalmente determinado (cf. a noção por ele criada de *Weltanschauung*). Dilacerado entre seu projeto de uma teoria científica do conhecimento histórico (hermenêutica) e sua sensibilidade para o caráter subjetivo do saber histórico, Dilthey é assim uma testemunha da crise do historicismo alemão no fim do século XIX e o começo do século XX.

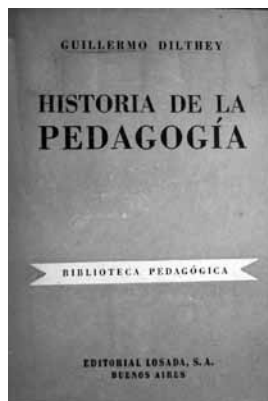
O pensador, nesse sentido, estava vinculado à corrente vitalista que para Navarro Cordon e Calvo Martinez (1990, p. 75)

[...] pode referir-se a dois conceitos distintos de vida: a vida em sentido biológico e a vida em sentido biográfico, isto é, como existência humana vivida. [...] Dilthey centrou a sua reflexão na vida entendida do segundo modo. [...] Daí que a historicidade seja traço essencial das realizações culturais, e estas, portanto, não possam ser compreendidas nem interpretadas adequadamente a não ser sob a perspectiva histórica. [...]

Em Besnard (1993, p. 251), por seu turno, consta que “Durkheim e seu seguidores são os representantes típicos de uma concepção nomotética no estudo das sociedades históricas que se atribui o objetivo de encontrar, na multiplicidade de dados empíricos bem estabelecidos, regularidades estruturais” e, segundo Outhwaite; Bottomore (1996, p. 810), Durkheim teria publicado obras que

[...] abordaram os métodos sociológicos, as formas de solidariedade social e as funções sociais da religião. O tema dominante em toda sua obra foi que a sociedade possui uma realidade acima dos indivíduos que a compõem, sendo estes compelidos por “fatos sociais” transcendentais na forma de crenças e sentimentos comuns.

Dilthey, ao elaborar seu curso sobre a História da Pedagogia, manifestou o quanto um estudo histórico como este abriu perspectivas sobre a história universal, “sobre as condições causais (psicológicas), do ideal de vida, ideal de educação, poesia, formação cultural, ciência” (DILTHEY, 1947, p.7)¹⁴.



Capa da terceira edição em espanhol da obra de Guillermo Dilthey (Wilhelm Dilthey), *Historia de la Pedagogía*, de 1947. Tradução de Lorenzo Luzuriaga. O formato é o tradicional 14 x 21 cm, sendo que a edição examinada contém 224p. Publicação da Biblioteca Pedagógica da Editora Losada, de Buenos Aires, Argentina. A primeira edição consta das “Obras Completas”, publicadas na Alemanha, em 1934.

Para ele, o fundamento de toda preparação pedagógica repousa na Psicologia e na Lógica, no conhecimento das experiências que ocorreram no curso da história da instrução, bem como nas teorias pedagógicas. Manifesta-se contrário a idéia de uma ciência pedagógica de validade geral, com a consciência da historicidade de todo ideal de educação, para o que é levada em consideração a diversidade da história dos povos e das necessidades dos Estados.

¹⁴ No original “[...] sobre las condiciones causales (psicológicas) del ideal de vida, ideal de educación, poesía, formación cultural, ciencia” (Tradução do autor).

Sumário da obra de Guillermo Dilthey,
*Historia de la Pedagogía*¹⁵

Nota preliminar

Prólogo

INTRODUCCIÓN

Generalidades sobre la historia de la Pedagogía

PRIMERA PARTE

LA EDUCACIÓN Y LA PEDAGOGÍA DE LOS PUEBLOS CLÁSICOS

CAPÍTULO I

LA EDUCACIÓN GRIEGA

Carácter de la educación griega más antigua

La educación de la época heroica

El aspecto gimnástico de la *paideia* griega

El aspecto musical de la *paideia* griega em su desarrollo histórico

Sofistas retóricos y escuelas de retóricos

Fundamentos de la teoría de la educación griega

La genialidad pedagógica de Sócrates y su principio pedagógico

Platón y la fundamentación de una teoría de la educación como parte principal de la teoría del Estado

La lucha de las direcciones pedagógicas y en particular de Isócrates y de la escuela platónica

Las escuelas de los filósofos o la fundación de establecimientos em los que estaba unida la relación

docente de maestros y alumnos con la organización del trabajo científico

La época de la *enkyklios paideia*, del Museo Alejandrino y de las ciencias particulares

CAPÍTULO II

LA EDUCACIÓN Y LA PEDAGOGIA ROMANAS

La educación romana de la época republicana

1. La educación de la época heroica

2. La transformación de educación romana bajo el influjo de los griegos em la primera mitad del siglo segundo

3. Las escuelas de la época republicana desde la mitad del siglo segundo

Los teóricos pedagógicos de la época republicana

La educación de la época imperial

1. Juicio de la época

2. Distribución de la materia y métodos de la instrucción

3. La organización de la enseñanza. Fundación de las escuelas del Estado

4. La formación de las universidades

Los teóricos de la educación de la época imperial romana

CAPÍTULO III

LOS COMIENZOS DE LA EDUCACIÓN CRISTIANA EN LA ANTIGÜEDAD

El tránsito a una educación monoteísta em el cristianismo

Natureza del cristianismo en la relación com la educación

Las instituciones de enseñanza del Imperio romano y de la educación cristiana primitiva

El sistema de enseñanza del Imperio griego y de los árabes

¹⁵ É importante mencionar que se trata de obra incompleta, da qual, segundo os esboços de Dilthey, ainda constariam outros capítulos, a saber: John Locke, Jean Jacques Rousseau, August Hermann Francke, los Filántropos y Kant. Pestalozzi. La transformación de las escuelas superiores em Alemania bajo el influjo del Renacimiento erudito em el siglo XVIII y la fundación de la filología y de la ciencia histórica. La Pedagogía como teoría del arte, que enlaza las reglas obtenidas de las experiencias de la educación mediante una psicología empírica y una ética de la vida. Niemeyer. La Pedagogía como sistema fundado em la psicología. Herbart. Bain y Herbert Spencer. La pedagogía inglesa moderna.

SEGUNDA PARTE
LOS SISTEMAS DE EDUCACIÓN Y LAS TEORIAS PEDAGÓGICAS DE LOS
MODERNOS PUEBLOS EUROPEOS

CAPÍTULO I
LA EDUCACIÓN Y LA PEDAGOGÍA DE LA EDAD MEDIA

Introducción

El sistema de enseñanza de la época heroica de los pueblos románico-germánicos

Lo grandes reyes germánicos y el sistema de enseñanza de los pueblos modernos

1. La época de las fundaciones aisladas antes de la formación de administraciones centralizadas del Estado

2. La enseñanza bajo la administración centralizada del Estado de Carlomagno Y de Alfredo el Grande

3. Nuevo progreso bajo el imperio de los Ottones de Alemania unido con Italia. Paso de Francia e

Inglaterra a una cultura filosófica independiente en los siglos X y XI

La educación de las clases cultas en los pueblos románico-germánicos en las escuelas claustrales y monacales

La educación del caballero como la primera clase político-militar en los pueblos románico-germánicos

Las clases trabajadoras y su educación

Las universidades

CAPÍTULO II
EL HUMANISMO Y LA REFORMA

El humanismo italiano

El humanismo italiano y la organización escolar

La transformación del Renacimiento italiano en una organización escolar superior alemana a través
de los Países Bajos

Miembros del proceso en el que ha surgido del humanismo el sistema de escuelas superiores

Melanchton, *praeceptor germaniae*, como representante del ideal educativo de los colegios humanistas
en la época de sus fundaciones

Lutero y Melanchton y la organización de la instrucción pública

Los rectores de la escuela de Melanchton que desarrollaron la organización de los Gimnasios

Las escuelas primarias protestantes

La organización escolar de Inglaterra y de Francia

El sistema de educación de los jesuitas

TERCEIRA PARTE
EL SIGLO XVII Y LA FUNDAMENTACIÓN DE LA DIDÁCTICA

La significación del siglo XVII para la educación. Cultura progresiva de carácter nacional en poesía,
ciencia y educación. La fundación de una ciencia didáctica

Los precursores de la nueva didáctica

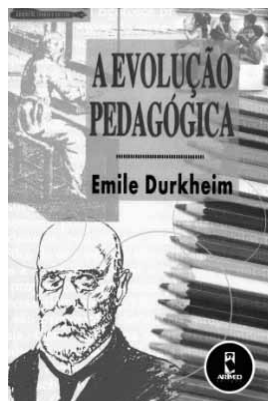
Amos Comenio

1. Su vida

2. La nueva didáctica

Durkheim, por seu turno, na obra “A Evolução Pedagógica”, evidencia como os problemas pedagógicos se apresentam nos fatos, sob pressão das circunstâncias e do meio social. Para Besnard (1993, p. 251),

Durkheim afirmou a primazia dos dados históricos sobre os dados etnográficos. E disso não se desviou depois, como testemunha o seu curso sobre *L'Évolution pédagogique en France*, estudo de história social, que, ao lado dos fatores morfológicos da mudança, relaciona os sistemas educativos como sistemas de pensamento. De forma mais geral, o projeto de Durkheim, marcado por uma preocupação evolucionista, pode ser descrito como o estudo comparativo da gênese das instituições.



Capa da primeira edição, segunda reimpressão em português da obra de Emile Durkheim *A evolução Pedagógica*. Tradução de Bruno Charles Magne, de 2002. O formato é o de 16x23cm, sendo que a edição examinada contém 325p. Publicação da Artes Médicas Editora, de Porto Alegre/RS. A primeira edição em francês data de 1938.

Redigida em meio as reformas que se operavam no ensino secundário francês no início do Século XX, partia da ideia de que a resistência dos professores à mudança atrapalhava a concretização de novidades no cenário escolar, afirmando que era necessário que eles compreendessem melhor o que se estava a propor, para que a adesão fosse mais ampla e consistente, vendo na análise do passado, em relação ao que se passava no presente, a possibilidade de conseguir provocar reflexões junto aos futuros professores, o que abriria possibilidades para novas formas de ação pedagógica.

Para ele, o exame de sociedades diversas daquela em que se vive, estimularia à reflexão, o que é importante para proporcionar mudanças. Seu ideal pedagógico comportava a idéia de “[...] formação integral do homem pelos meios mais eficazes: a cultura pelas línguas, a cultura científica, a cultura histórica [...]” (DURKHEIM, 2002, p. 325).

Sumário da obra de Emile Durkheim, *A Evolução Pedagógica*

Primeira Parte: Das Origens ao Renascimento

Introdução

1. A história do ensino secundário na França
 2. A igreja primitiva e o ensino
 3. A igreja primitivo e o ensino (fim)
 4. O renascimento carolíngio
 5. O renascimento carolíngio (fim)
 6. As universidades. As Origens
 7. A gênese da universidade
8. O significado da palavra *Universitas*
 9. A faculdade de artes
 10. Os colégios (fim)
11. O ensino e a faculdade de artes
12. O ensino dialético nas universidades
 13. A dialética e a disputa
14. Conclusão sobre a universidade

Segunda parte: Da Renascença aos nossos dias

15. A renascença
16. A renascença (continuação)
17. A pedagogia no século XVI
18. A pedagogia da Renascença
19. Os jesuítas
20. O sistema dos jesuítas e o da universidade
22. Conclusão sobre a cultura clássica
23. A pedagogia realista
24. A revolução
25. As variações do plano de estudos no Século XIX
26. Conclusão. O ensino do homem
27. Conclusão: O ensino da natureza: as ciências

4. Influências sobre Luzuriaga e Larroyo

Em investigação realizada anteriormente pôde-se constatar quais seriam os autores estrangeiros de manuais afetos à disciplina que foram traduzidos para o português e que alcançaram o maior número de indicações para leitura no exame dos programas de ensino da disciplina História da Educação em vigor no Brasil, a partir de levantamento realizado junto a 55 cursos de graduação em Pedagogia, compreendendo o período de 2000 a 2008, em instituições de educação superior do país, conforme resultado de pesquisa apresentado em Gatti Jr. (2009, p. 119-26), a saber, pela ordem de frequência: Franco Cambi, *História da Pedagogia*, com 25 indicações e primeira edição em português datada de 1999; Mario Alighiero Manacorda, *História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias*, com 20 indicações e primeira edição em português datada de 1989; Lorenzo Luzuriaga, *História da Educação e da Pedagogia*, com 10 indicações e primeira edição em português datada de 1955; Francisco LARROYO, *História Geral da Pedagogia*, 2 tomos, com 10 indicações e primeira edição em português datada de 1970¹⁶.

A esse respeito, não foi surpresa constatar a presença das obras de Cambi e de Manacorda, pois que se tratam de publicações mais recentes, de fácil acesso e que cobrem duas importantes tendências da historiografia da educação da atualidade, a Nova História e o Marxismo. Porém, encontrar obras de Luzuriaga e de Larroyo provocou questionamentos, dado que se tratavam de textos de longa permanência na bibliografia dos planos de ensino da disciplina História da Educação, incluindo, o que se pode observar nos programas da disciplina na USP (em especial, entre as décadas de 1940 e de 1970) e, mesmo, na grande quantidade de exemplares disponíveis na Biblioteca da FEUSP.

¹⁶ A propósito dos autores e obras mencionados nos referidos programas de ensino, é importante mencionar ainda que o autor Henri-Iréné Marrou, alcançou 19 indicações de sua obra *História da Educação na Antiguidade* que teve sua primeira edição em português datada de 1966. Porém, para os fins desse trabalho, a referida obra não foi examinada, sendo importante destacar a qualidade do trabalho recentemente publicado sobre a historiografia desse autor por LOPES (2005). Por outro lado é importante mencionar também que obras traduzidas para o português que marcaram época no ensino de História da Educação brasileiro da segunda metade do Século XX, não encontraram menção significativa nos programas examinados na década de 2000, tais como, por exemplo: MONROE (1946), EBY (1970) e PONCE (1963).

Todavia, o exame minucioso dessas duas obras permitiu perceber sua inspiração em textos de Dilthey, citado com entusiasmo em ambos os casos, por Luzuriaga e por Larroyo, mas, também, de um número considerável de pensadores com alguma correspondência ao pensamento matricial de Dilthey, ainda que, em alguns casos, com divergências que não aparecem explicitadas nas obras, incluindo, Weber, Jaspers, Spranger etc. Porém, também, de John Dewey, ainda que sem demonstração dos posicionamentos de ação social que poderiam ser convergentes com Dilthey, a partir de fundamentos que divergiam profundamente, respectivamente: crença na ciência positiva e no futuro da humanidade (Dewey); desconfiança em relação à ciência positivada e particularização das ideias de felicidade da individualidade nacional (Dilthey).

(Narciso Eladio) Lorenzo Luzuriaga y Medina, conhecido como Lorenzo Luzuriaga, nasceu em 1889, no município de Valdepeñas, província de Ciudad Real, comunidade autônoma de Castilla-La Mancha, na Espanha. Em 1936, emigrou como exilado para Buenos Aires, na Argentina, o que perdurou por 23 anos, até seu falecimento, em 1959. Segundo Warde (1998, p. 77-8), no processo de formação do autor destacam-se três pontos. O primeiro refere-se seu envolvimento com a *Institución Libre de Enseñanza* (ILE), bem como de seu trabalho junto ao Museu Pedagógico. Um segundo aspecto formativo diz respeito à aproximação de Luzuriaga a Ortega y Gasset¹⁷, outro exilado espanhol radicado na Argentina (entre 1936 e 1945), o que se dava em especial pela experiência alemã de ambos, o que significaria o incentivo a circulação de obras de Herbart e Pestalozzi, por exemplo. Mas essa vinculação a Ortega y Gasset não se resumiria a esse fato, dado que Luzuriaga foi também seu aluno; inscreveu-se na Liga de Educação Política; colaborou em jornais criados por Ortega y Gasset; compôs o pequeno grupo de jovens que orbitava em torno do conhecido pensador. Segundo Warde (1998, p. 79),



Lorenzo Luzuriaga

De Ortega, Luzuriaga absorveu o alerta “sobre o anacronismo em que incorre toda pedagogia que se centre no cidadão e se esquece de tudo o mais que é o indivíduo”. O equilíbrio entre socialização e individualismo pode-se observar na concepção filosófica da razão vital de Ortega y Gasset. O humanismo, que une na educação o vitalismo e o culturalismo, passou a ser para Luzuriaga a síntese do social, do vital e do cultural, e o seu modo de explicar as relações entre educação e sociedade.

¹⁷ José Ortega y Gasset (1883-1955) foi um importante filósofo espanhol, com atuação política ativa e que exerceu também o jornalismo. A semelhança de Luzuriaga, também esteve exilado na Argentina. NAVARRO CORDON e CALVO MARTINEZ (1990, p. 75) o tomam como membro da corrente filosófica designada como vitalista, cuja reflexão gira em torno do tema da vida, do qual fazem parte, não sem ambigüidades, Nietzsche, Dilthey e Bergson. Para os autores, o “termo vitalismo pode referir-se a dois conceitos distintos de vida: a vida em sentido biológico e a vida em sentido biográfico, isto é, como existência humana vivida. Este último conceito de vida está em relação essencial com o conceito de vivência. Dos quatro filósofos vitalistas acima citados, W. Dilthey centrou a sua reflexão na vida entendida do segundo modo. Ortega y Gasset ocupou-se da vida em ambos os sentidos, embora se possa afirmar que nas primeiras obras [...] se ocupou mais da vida biologicamente entendida, enquanto na sua produção posterior prestou preferencialmente atenção à vida humana, num sentido muito próximo do de Dilthey. [...] Daí que a Historicidade seja traço essencial das realizações culturais, e estas, portanto, não possam ser compreendidas nem interpretadas adequadamente a não ser sob a perspectiva histórica. Dilthey e Ortega, por consequência, podem ser considerados, em certo sentido, como historicistas”.

Por fim, Warde (1998, p. 78-9), salienta como terceiro fator formativo, a inserção de Luzuriaga na Escola Nova, vista como instituição e movimento, criada em 1911, por meio da oferta de “cursos elementares para trabalhadores sobre desempenho de ofício, sobre questões jurídicas e políticas, direitos trabalhistas etc.”. A Escola torna-se-ia, simultaneamente um lugar de formação técnica e um *locus* de formulação de teoria socialista, tendo Luzuriaga um papel de destaque nesse processo. A extensa obra de Luzuriaga emergiu, tanto a partir desse processo de formação, mas também, da realidade vivenciada no exílio na Argentina.

Segundo Warde (1998, p. 73-4), na década de 1950, textos do autor tomariam lugar central nas traduções promovidas para o português no Brasil, o que ocorreu no âmbito da importante série Atualidades Pedagógicas da Companhia Editora Nacional¹⁸, por meio da publicação de cinco de suas obras, incluindo, em 1955, a *História da Educação e da Pedagogia*. Luzuriaga introduz sua obra ressaltando seu caráter didático e, a partida, assinalando a diferenciação entre história da educação e história da pedagogia. Salienta também seu caráter pragmático, de estudos de idéias que sobreviveram ao tempo e que “[...] podem contribuir para resolver os problemas de nosso tempo” (LUZURIAGA, 1963, p. XV). Para ele,

Na exposição intentamos também estabelecer a mais íntima conexão entre realidade educacional e idéias pedagógicas, pois ambas mais não são que partes de um todo indivisível: a própria educação. Antepusemos educação a Pedagogia, não por crer aquela mais valiosa, mais porque assim se tornava mais claro o estudo de ambas. Por ora, sem resolver se o ideal da educação surge da realidade educacional o se, antes, esta procede daquele. Por ora, devemos apenas advertir que, para nós, os ideais não são algo de vago e flutuante, distanciado da realidade, mas precisos e concretos como a própria realidade. Constituem, com efeito, parte tão intrínseca de nossa vida e da sociedade humana, quanto nossas ações e as instituições sociais, geralmente mais caducas e circunstanciais que os ideais humanos históricos (LUZURIAGA, 1963, p. XV-XVI).

Ao discorrer sobre a compreensão do aspecto ideal e real da educação, diferenciando-os, Luzuriaga, assinala a importância do conhecimento da histórica geral e, particularmente, da história da cultura, que permite a compreensão do sentido da história. Nessa direção, Luzuriaga busca suporte teórico em Dilthey ao afirmar que

Ao falar do valor humano da história, Dilthey, seu grande mestre, adverte: “Só a história nos diz o que o homem é. É inútil, como fazem alguns, desprender-se de todo o passado para recomeçar a vida sem qualquer preconceito. Não é possível desprender-se do que foi; os deuses do passado se convertem em fantasmas. A melodia de nossa vida traz o acompanhamento do passado. O homem se livra do tormento e da fugacidade de toda alegria, mediante dedicação aos grandes poderes objetivos criados pela história” (LUZURIAGA, 1963, p. XVI).

¹⁸ Para compreender a importância da série Atualidades Pedagógicas no contexto luso-brasileiro, consultar: TOLEDO (2007).

A aproximação com a leitura conferida à história da cultura em Dilthey é evidenciada em Luzuriaga quanto afirma que “[...] a história da cultura se refere antes aos produtos da mente do homem, tais como se manifestam na arte, na técnica, na ciência, na moral ou na religião e em suas instituições correspondentes” (LUZURIAGA, 1963, p. 1), considerando que a educação enquadra-se nesse campo de manifestações culturais, tendo, por decorrência uma história. Esta influência é evidenciada ainda quando Luzuriaga discorre sobre o conceito de educação como sendo,

[...] a influência intencional e sistemática sobre o ser juvenil, com o propósito de formá-lo e desenvolvê-lo. Mas significa também a ação genérica, ampla, de uma sociedade sobre as gerações jovens, com o fim de conservar e transmitir a existência coletiva. A educação é, assim parte integrante, essencial, da vida do homem e da sociedade, e existe desde quando há seres humanos sobre a terra. Por outro lado, a educação é componente tão fundamental da cultura quanto a ciência, arte ou a literatura. Sem a educação não seria possível aquisição e transmissão da cultura, pois pela educação é que a cultura sobrevive no espírito humano. Cultura sem educação seria cultura morta. E esta é também uma das funções essenciais da educação: fazer sobreviver a cultura através dos séculos (LUZURIAGA, 1963, p. 1-2).

Diferencia, no entanto, educação de pedagogia, qualificando a segunda, a partir de Dilthey, como ciência do espírito (relacionada à filosofia, psicologia, sociologia etc.). Para ele, a pedagogia é “[...] reflexão sistemática sobre educação. Pedagogia é a ciência da educação: por ela é que a ação educativa adquire unidade e elevação. Educação sem pedagogia, sem reflexão metódica, seria pura atividade mecânica, mera rotina (LUZURIAGA, 1963, p. 2). Assim, a obra dividiu-se didaticamente em exposição sobre, de um lado, a história da educação e, de outro, a história da pedagogia, como verso e anverso da realidade cultural. A educação tem uma história, de mudança e desenvolvimento, mas, simultaneamente, é parte da história da cultura, em uma relação de mão dupla. A pedagogia, por seu turno, que trata da face teórica e científica da educação, também tem uma história.

Nesse caso, porém, “[...] estuda o desenvolvimento das idéias e ideais educacionais, a evolução das teorias pedagógicas e as personalidades mais influentes na educação. A história da pedagogia está intimamente relacionada com as **ciências do espírito** e, tal como a história delas, é relativamente recente (Grifo do autor, LUZURIAGA, 1963, p. 2-3). Com as diferenças estabelecidas, Luzuriaga passou à demonstração dos marcos temporais da gênese de uma e da outra, pois que, para ele, a educação remonta ao início da vida humana, mas a pedagogia tem início com a reflexão filosófica de uma personagem da envergadura de Sócrates.

Luzuriaga estabelece os fatores históricos, culturais e sociais aos quais educação e pedagogia estão relacionados, incluindo: a situação histórica geral de cada povo e de cada época, o caráter da cultura, a estrutura social e a vida econômica. Em seguida, expõe os fatores propriamente educacionais e pedagógicos, a saber: os ideais de educação, a concepção estritamente pedagógica, a personalidade e a atuação dos grandes educadores,

as reformas das autoridades oficiais e as modificações das instituições e métodos da educação (LUZURIAGA, 1963, p. 3-4).

Ao comentar sobre a finalidade do estudo de história da educação e da pedagogia, Luzuriaga, busca referência em autores de tendências analíticas diferenciadas, apresentando intelectuais vinculados ao pragmatismo, ao positivismo e ao historicismo, por mais ambíguo que possa parecer esse arranjo, ele faz sentido para os propósitos do autor. Assim, pela ordem, aparecem referências a Dewey, Jaspers, Dilthey, Ziegler e Durkheim e Spranger, a saber:

[...] “O passado como passado – diz Dewey - não é nosso objetivo. Se fôsse completamente passado, não haveria mais que uma atitude razoável: deixar que os mortos enterrassem os mortos. Mas o conhecimento do passado é a chave para entender o presente”.

[...] diz o filósofo Karl Jaspers: “É a história que nos abre mais vasto horizonte, que nos transmite os valores tradicionais capazes de nos fundamentar a vida. Liberta-nos do estado de dependência em que nos achamos, inscientes disso em relação a nossa época e nos ensina a ver as possibilidades mais elevadas e as criações inesquecíveis do homem... Nossa experiência atual, melhor a compreendemos no espelho da história, e o que ela nos transmite adquire vida à luz de nosso tempo. Nossa vida prossegue, enquanto o passado e o presente não deixam de iluminar-se reciprocamente”.

[...] “O passado com seus intentos felizes e seus malogros – diz Dilthey – ensina tanto a pedagogistas como a políticos”.

[...] “A história nos ensina ainda mais, diz Ziegler: a modéstia com todo o seu saber e poder, com tôdas as suas idéias novas; o indivíduo mais não é que pequena mola na grande obra do desenvolvimento histórico”.

[...] “Em lugar de não considerar mais que o homem de um instante – diz Durkheim – o que cumpre é considerá-lo em função do futuro. Em vez de encerrarmo-nos em nossa época, cumpre, ao contrário, sair dela, para que nos subtraíamos de nós mesmos, de nossas opiniões estreitas, parciais e partidárias. E é precisamente para isso que deve servir o estudo histórico do ensino”.

[...] a respeito do valor da história da educação diz Spranger: “Não é apenas, em absoluto, trabalho estéril, de antiquário. A história da educação é antes, quando devidamente cultivada, quem dá aquela amplitude, aquela clareza e aquela elevação da consciência cultural sem as quais a educação não passaria de ofício muito estreito. Não pode reunir unicamente opiniões estranhas e organizações escolares de épocas extintas, senão que lhe cumpre ser autenticamente história da cultura”.

(LUZURIAGA, 1963, 9-10)

Segundo consta do texto de Escalante Fernández (2009, p. 2), Francisco Larroyo nasceu na Cidade do México, em 1912, tendo falecido na mesma cidade, em 1981. Em 1930, obteve titulação como professor normalista. Em 1934, obteve sua licenciatura em Filosofia e, no ano seguinte, em 1935, em Pedagogia. Ambos na *Universidad Nacional*

Autónoma de México (UNAM). No início da década de 1930, estudou na Universidade de Côlonia, na Alemanha, mas não existem informações sobre a obtenção de algum título em função destes estudos. Em 1938, obteve seu doutorado com tese sobre ética social. Com extensa obra filosófica e pedagógica, Larroyo também traduziu diversas obras de filósofos europeus, tendo sido, inclusive presidente da *Federación Internacional de Sociedades de Filosofía*. Sua atividade docente junto a UNAM, segundo informa Escalante Fernández (2009, p. 3) foi marcada como um dos incentivadores da leitura dos textos clássicos, mas também da pedagogia como uma carreira universitária, tendo sido fundador do Colégio de Pedagogia em 1955 e diretor da Faculdade, entre 1958 e 1966. Lecionou História da Pedagogia, Teoria Pedagógica como Ciência da Educação, Filosofia da Educação, Didática do Ensino Superior e História da Educação no México. Exerceu a direção do Instituto Nacional de Pedagogia (1943), a presidência da Comissão Nacional do Livro Didático (1948) etc. Participou de comissões nacionais ligadas à questão educacional e, em 1947, criou a *Escuela Nacional de Educadoras*. Boa parte da obra de Francisco Larroyo esteve a cargo da Editorial Porrúa, importante casa editora e livraria mexicana, fundada em 1900, com destacada atuação na publicação e venda de livros vinculados à Filosofia, Educação, História e Literatura.



Francisco Larroyo

Em *História Geral da Pedagogia*, a semelhança de Luzuriaga, Larroyo promove uma leitura da história da pedagogia a partir de pressupostos do vitalismo, em especial de Dilthey. Porém, a menção ao filósofo neokantiano alemão Wilhelm Windelband, fundador da axiologia, que ocupa o frontispício do conjunto de nove prólogos que Larroyo redigiu para as diferentes versões da obra, pelo menos, conforme pode ser visto na 3ª edição em português, publicada no Brasil, em 1979, o que denota algum distanciamento da epistemologia presente no Dilthey das ciências do espírito. Porém, não o distancia do historicismo que marca a obra do mesmo. Nesse sentido, no prólogo da sexta edição, escrito entre 1958-9, Larroyo assevera que

Uma vez mais se edita esta HISTÓRIA GERAL DA PEDAGOGIA, e mais uma vez a obra tem como patrono Wilhelm Windelband. Explica-se e justifica-se esse patrocínio. W. Windelband e W. Dilthey foram, no decurso do século atual, isto é, século XX, os melhores historiadores de idéias. Do primeiro, o autor recebeu perceptíveis influências quanto ao método *ideográfico das concepções do mundo e da vida*; do segundo, aquilo que se relacionou com o conceito de *tipo histórico*. Sem dúvida, o enfoque da Pedagogia universal, em sua história à luz de tais idéias, deu ao livro um caráter distinto (LARROYO, 1979, p. 7-8).

Larroyo toma o objeto da história da pedagogia como referido, de um lado, ao que de mais profundo e significativo ocorreu desde o passado mais remoto (profundidade). Por outro lado, refere-se ao fato pedagógico, a teoria educativa e a política educacional (extensão), tomando o fato pedagógico, como o modo de realização, no espaço e no tempo, do acontecimento de assimilação da cultura e dos fatores que o determinam, sendo um fato que, primeiramente, cabe à história da Pedagogia compreender e narrar; a teoria

da educação, como sendo aquela que descreve o fato educativo, buscando suas relações com outros fenômenos; ordena-o e o classifica; procura os fatores que o determinam, as leis em que se acha submetido e os fins que persegue; a política educativa que é “[...] o conjunto de preceitos obrigatórios por força dos quais se estabelece uma base jurídica, de Direito, para levar a cabo as tarefas da educação. Na vida contemporânea não se limita, de forma alguma, a regulamentar a vida escolar (política escolar); inclui todos os domínios da cultura nos quais se propaga a educação: na imprensa e no rádio, no teatro e no cinema etc. [...]”. (LARROYO, 1979, p. 15-7). O próprio autor resume suas idéias do seguinte modo:

[...] a História da Pedagogia descreve e explica, em sucessão cronológica, a vida real da educação (fato pedagógico) assinalando cuidadosamente, os preceitos jurídicos (política educativa) que trataram de regulamentá-la, assim, como as doutrinas e técnicas educativas que buscaram interpretá-la e realizá-la do melhor modo (teoria e técnica da educação) (LARROYO, 1979, p. 18).

Em termos metodológicos, Larroyo, novamente inspirado em Dilthey e no vitalismo do qual é portador, informa que a história da pedagogia possui um método para reconstruir a vida educativa das sociedades passadas, baseado na idéia de unidades culturais ou históricas, sendo que

A unidade histórica é um conjunto de ocorrências organicamente entrelaçadas, um grupo de acontecimentos unidos de tal forma que dão a impressão de um tecido compacto de tarefas sociais. Os filósofos da História servem-se de variados nomes para designar esses fenômenos, mais ou menos complexos; falam do “ambiente” da época (Jaspers), das “características” do tempo (Fichte), do “estilo” de cultura (Spengler). As unidades históricas são complexões de fatos singulares que, à primeira vista exibem uma íntima traveção genética, silhuetas de acontecimentos no universo do devir humano. Nelas se fundamenta a divisão orgânica da História (LARROYO, 1979, p. 20).

Por fim, Larroyo, destaca os fatores que conferem utilidade ao estudo da História da Pedagogia, assinalando, primeiramente, sua utilidade geral, relacionada ao fato de que “[...] a educação mostra como cada um destes produtos do espírito humano se transmite de geração em geração” (LARROYO, 1979, p. 33). Para ele:

Até mesmo os manuais escolares aproveitam estas vantagens para finalidades pedagógicas. Os criadores da ciência histórica moderna, com Wilhelm Dilthey na vanguarda, sublinham, com toda razão, tão grande importância. “Empreguei estes três meses do curso – comunica Dilthey a seu amigo Conde de Iorque – de preferência, na história da educação, na Europa. Raramente, um estudo histórico me excitou tanto, intimamente, e me abriu perspectivas sobre a História Universal, em geral, isto é, sobre as condições causais (psicológicas) do ideal de vida, ideal de educação, poesia, formação cultural, ciência” (LARROYO, 1979, p. 34).

Larroyo apresenta ainda uma segunda utilidade para a História da Educação que se refere aos profissionais da educação, dadas as relações entre história e teorias pedagógicas, pois mais do que em outras ciências, a teoria pedagógica está vinculada à história da

educação; complementando-se. Compreendem-se, de melhor maneira, os princípios pedagógicos, quando se mostra como se deu sua gestação na história. Por fim, Larroyo assinala uma característica evolutiva de suas concepções, a saber:

Por sua vez, a história da Pedagogia toma a teoria sistemática da educação certas valorizações, certas idéias de progresso, que oferecem critérios para apreciar o que, na História, tem importância pedagógica. A mera descrição dos fatos não pode decidir se há avanço ou retrocesso, decadência ou auge numa época. Para isso, é preciso elevar-se acima dos acontecimentos e julgá-los em sua justa significação, mediante juízos de valor (fator progressivo).

Por fim, Larroyo expressa que o conhecimento dos erros pedagógicos é proveitoso, pois que se percebe a distância que separa o possível do imaginário, sendo que “[...] a história da educação ensina-nos a ponderar o conflito entre o otimismo pedagógico (tudo pode a educação) e o pessimismo pedagógico (a educação nada pode)” (LARROYO, 1979, p. 34-5).

Considerações finais

Em uma análise bastante estimulante, Julia (1993) e Reis (2006) tomam o ponto central que assinala as profundas diferenças entre a abordagem de Dilthey e de Durkheim no quadro mais geral da historiografia e, coincidentemente, a partir do que Julia chamou de mito fundador, qual seja, a Revolução Francesa, de 1789, à qual, por justiça, parece importante, conjugar também a Independência dos Estados Unidos, de 1776. Essas diferenças de posicionamento impactam sobre os discursos contidos na historiografia educacional, sobretudo, conforme afirma Julia, na França, onde a

[...] a história da educação transportou, por muito mais tempo do que em qualquer outro país europeu, uma carga ideológica muito forte. O motivo desse sobreinvestimento deve ser procurado no papel que, em todo o curso do século XIX, a revolução Francesa – que se pensou e quis ser inteiramente projeto pedagógico – não parou de desempenhar nas consciências, suscitando entre seus partidários e seus adversários paixões contraditórias. O litígio escolar que ali encontrou sua origem não poderia deixar de repercutir fortemente no campo da historiografia [...] com relação ao mito fundador que pode sobrepujar a análise científica (JULIA, 1993, p. 264-5).

Assim, o século XIX e, por consequência, os debates teóricos no processo de constituição das ciências humanas encontrariam nesses grandes acontecimentos um ponto de ruptura e de divergência, no qual, duas posições se contrapõem. De um lado, aqueles que examinam o passado como algo que deve ser superado pela nova sociedade e pelo novo homem, autônomo, capaz do auto-governo, da liberdade e da felicidade, ao qual interessa a relação do presente com o futuro, com a certeza de que a articulação entre ciência, ação social informada e gestão estatal democrática conduzirão necessariamente ao progresso e ao bem-estar geral. De outro lado, aqueles que advogam que a mudança social, ainda que necessária, seja gradual, adequada ao espírito de um povo, de uma nação e que valorize esse passado nacional, tanto como ponto de partida analítico, como de

fundamento para a ação social, rumo a melhoria das condições de vida, mas de uma vida desejada a partir de um processo de vivência a ser compreendido pelas ciências do espírito, dado que não há nenhuma certeza que o futuro será necessariamente melhor que o passado, bem como que algo de importante para o povo poderá ser perdido e substituído por algo que restrinja sua vida.

Em síntese, de um lado, uma posição que valorizava a universalização, a certeza de um futuro reluzente, em muito superior ao passado de trevas e de obscurantismo em que se vivia; de outro, uma posição de desconfiança e de valorização do particular, do povo, da nação e de um passado que pode ser admirável e até modelar. Positivismo e historicismo em oposição, com correspondência em dois modelos metodológicos e de ação social, que estão na base da construção das ciências humanas e, por que não, da História da Educação, a saber: a compreensão empática¹⁹ de Dilthey e a física social de Durkheim, com impacto sobre obras de História da Educação importantes, como as de Luzuriaga e de Larroyo, mas, como se pôde perceber, sobre os processos de formação de professores no Brasil e mesmo no exterior ao longo do Século XX.

Referências

- AZEVEDO, F. (1943). *A Cultura Brasileira*. Introdução ao estudo da Cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE. 535p.
- BARROS, G. N. M. (2001a). História e Filosofia da Educação na USP: origens. Referências para a memória da FEUSP. *Cadernos de História e Filosofia da Educação*. v. IV, n. 6, p. 11-35.
- _____. (2001b). Comentários aos quadros de disciplinas de História da Educação na USP (de 1964-2000). *Cadernos de História e Filosofia da Educação*. v. IV, n. 6, p. 37-108.
- BESNARD, P. (1993). Durkheim, Emile (1858-1917). In: BURGUIÈRE, A. (Org.) *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: Imago Ed. p. 250-1.
- BÖHM, W. (2010). *A história da pedagogia*. De Platão à atualidade. Tradução: Beatriz Silke Rose. Florianópolis: Conceito. 160p.
- BONTEMPI JR., B. (2001). A Cadeira de História e Filosofia da Educação da USP entre os anos 40 e 60: um estudo das relações entre a vida acadêmica e a grande imprensa. *Tese de Doutorado*. Programa de Pós-Graduação em Educação - História e Filosofia da Educação – da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

¹⁹ Segundo José Carlos REIS (2006), para Dilthey a “[...] história se encontra com a vida pela compreensão. A historicidade do homem está ligada à vida sociocultural. A individualidade concreta do homem não apaga sua condição social e cultural. O indivíduo não é isolado e só. O homem tem uma natureza aberta e comunicativa. A compreensão empática (verstehen) é a própria natureza humana. A história é constante mudança, típica e única. O que permanece em todas épocas e sociedades é a expressão, a compreensão, a comunicação entre os homens diferentes. [...] o homem é a ‘experiência vivida’, que cria, que se expressa, que se comunica, que compreende e se deixa compreender. E que se inquieta com sua existência. A verdade é o próprio processo histórico, em que a vida se expressa e é compreendida, e não uma proposição abstrata e atemporal. Dilthey não prescreve uma finalidade para a História. O humano está por toda parte em realização. Ele defende a liberdade sem sistemas.”

_____. (2002). Laerte Ramos de Carvalho. In: FÁVERO, M. L. A.; BRITTO, J. M. *Dicionário de Educadores no Brasil*. Da Colônia aos Dias Atuais. 2ª. ed. (aum.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ /MEC-Inep-Comped. p. 674-80.

_____. (2008). A presença visível e invisível de Durkheim na historiografia da educação brasileira. In: FARIA FILHO, L. M. (Org.). *Pensadores Sociais e História da Educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. p. 49-88.

_____. (2010). *As Reformas Pombalinas da Instrução Pública de Laerte Ramos de Carvalho*. In: XAVIER, M. C. (Org.) *Clássicos da Educação Brasileira, Volume 1* (Coleção Pensar a Educação, Pensar o Brasil). p. 101-118.

CARVALHO, M. M. C. (1998). A configuração da historiografia educacional brasileira. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.) *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto. p. 329-53.

_____. (2011). Por entre restos da memória: um relato sobre o ensino de História da Educação no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da USP (1971-1997). In: CARVALHO, M. M. C.; GATTI JR., D. (orgs). *O Ensino de História da Educação*. (Coleção Horizontes da Pesquisa em História da Educação). Vitória: EDUFES; Curitiba: SBHE. p. 277-304.

CATANI, D. B. e FARIA FILHO, L. M. (2001). Um lugar de produção e a produção de um lugar: a história e a historiografia divulgadas no GT História da Educação da ANPED (1985-2000). *Revista Brasileira de Educação*. n. 19. Jan./Abr. p. 113-28.

CHIZZOTTI, A. (2002). José Querino Ribeiro. In: FÁVERO, M. L. A.; BRITTO, J. M. *Dicionário de Educadores no Brasil*. Da Colônia aos Dias Atuais. 2ª. ed. (aum.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ /MEC-Inep-Comped. p. 639-42.

COLLINGWOOD, R. G. (1978). *A ideia de História*. 4ª. ed. Lisboa: Presença.

COMPAYRÉ, G. (1895). *Cours de Pédagogie Théorique et Pratique*. Paris: Librairie Classique Paul Delaplane. 467p.

DILTHEY, G. (W.) (1947). *Historia de la Pedagogía*. 3ª. ed. Buenos Aires: Editorial Losada.

DURKHEIM, É. (2002). *A Evolução Pedagógica*. 2ª. reimp. Porto Alegre: Artmed.

EBY, F. (1970). *História da Educação Moderna: teoria, organização e práticas educacionais*. 1ª. ed. 2ª. impressão. (Tradução de Maria Angela Vinagre de Almeida, Nelly Aleotti Maia e Malvina Cohen Zaide). Porto Alegre: Globo. 634p.

ESCALANTE FERNÁNDEZ, C. (2009). Francisco Larroyo y su contribución a la enseñanza de la Historia de la Educación Mexicana. In: IX CONGRESSO IBEROAMERICANO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO LATINO-AMERICANA. Anais. Quartet Editora: Rio de Janeiro. 13p.

FETIZON, B. A. M. (1986). Subsídios para o Estudo da Universidade de São Paulo (2 vols.). *Tese de Doutorado*. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

FRANÇOIS, E. (1993a). Alemanha. Historiadores Alemães. In: BURGUIÈRE, A. (Org.) *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: Imago Ed. p. 18-27.

_____. (1993b). Dilthey, Willhelm (1833-1911). In: BURGUIÈRE, A. (Org.) *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: Imago Ed. p. 228-9.

GATTI JR., D. (2009). Investigar o Ensino de História da Educação no Brasil: categorias de análise, bibliografia, manuais didáticos e programas de ensino (Séculos XIX e XX). In: GATTI JR., D.; MONARCHA, C.; BASTOS, M. H. C. (Orgs.). *O Ensino de História da Educação em Perspectiva Internacional*. Uberlândia: Edufu. p. 95-130.

_____. (2010). Historia de la Enseñanza de la Historia de la Educación en Brasil: hermenéutica y heurística de una investigación (1930-2000). *Sarmiento: Anuario Galego de Historia da Educación* (Vigo), n. 14, 2010, p. 67-78.

_____. (2011). Intelectuais e circulação internacional de ideias na construção da disciplina História da Educação no Brasil (1955-2008). In: CARVALHO, M. M. C.; GATTI JR., D. (Orgs.). *O Ensino de História da Educação* (Coleção Horizontes da Pesquisa em História da Educação no Brasil, v.6). Espírito Santo: EDUFES, p. 47-93.

_____. (2012). Intelectuais, manuais e circulação de saberes em História da Educação no processo de formação de professores brasileiros no Século XX. *Relatório Final de Pós-Doutorado Sênior*. Impresso. São Paulo: FEUSP; Brasília: CNPq; Uberlândia/MG: UFU. 107p.

GHIRALDELLI JR., P. (1994). *Educação e Razão Histórica: historicismo, positivismo e marxismo na história e historiografia da educação*. São Paulo: Cortez. 198p.

HAIDAR, M. L. M. (2002). Roque Spencer Maciel de Barros. In: FÁVERO, M. L. A.; BRITTO, J. M.. *Dicionário de Educadores no Brasil*. Da Colônia aos Dias Atuais. 2ª. ed. (aum.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ /MEC-Inep-Comped. p. 944-51.

JULIA, D. (1993). Educação. In: BURGUIÈRE, A. (Org.) *Dicionário das Ciências Históricas* (Tradução: Henrique de Araújo Mesquita). Rio de Janeiro: Imago Ed. p. 264-74.

LARROYO, F. (1974). *História Geral da Pedagogia* (Tomo II). 2ª. ed.. São Paulo: Editora Mestre Juo. 487p.

_____. (1979). *História Geral da Pedagogia* (Tomo I). 3ª. ed.. São Paulo: Editora Mestre Juo. 460p.

LUZURIAGA, L. (1963). *História da Educação e da Pedagogia*. 2ª. ed. rev. São Paulo: Editora Nacional. 291p.

MARROU, H-I. (1966). *História da Educação na Antiguidade* (Tradução de Mario Leônidas Casanova). São Paulo: Herder; EDUSP. 639p.

MONARCHA, C. (2007). História da Educação (Brasileira): formação do campo, tendências e vertentes investigativas. *História da Educação* (ASPHE). Pelotas/RS: UFPel. n. 21, p. 51-77.

_____. (2009). Práticas de escrita da História da Educação: o tema da Escola Nova nos manuais de autores brasileiros. In: GATTI JR., D.; MONARCHA, C.; BASTOS, M. H. C. *O Ensino de História da Educação em Perspectiva Internacional*. Uberlândia/MG: EDUFU. p. 65-93.

- MONROE, P. (1946). *História da Educação* [Tradução: Nelson Cunha de Azevedo]. São Paulo: Companhia Editora Nacional (Atualidades Pedagógicas, v. 34). 464p.
- NAVARRO CORDON, J. M.; CALVO MARTINEZ, T. (1990). *História da filosofia: os filósofos, os textos* (Filosofia Contemporânea, 3º. Volume). Lisboa. 230p.
- NÓVOA, A. (1994). *História da Educação*. (Impresso). Universidade de Lisboa. 286p.
- NUNES, C. (1992). História da Educação Brasileira: novas abordagens de velhos objetos. *Teoria & Educação*. Porto Alegre: Pannonica. n. 6, p. 151-82.
- _____. (1996) Ensino e Historiografia da Educação: problematização de uma hipótese. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: ANPED. n.1, p. 67-79.
- OUTHWAITE, W.; BOTTOMORE, T. (1996). *Dicionário do Pensamento Social do Século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- PALLARES-BURKE, M. L. G. (2002). João Eduardo Rodrigues Villalobos. In: FÁVERO, M. L. A.; BRITTO, J. M.. *Dicionário de Educadores no Brasil*. Da Colônia aos Dias Atuais. 2ª. ed. (aum.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ /MEC-Inep-Comped. p. 537-45.
- PONCE, A. (1963). *Educação e Luta de Classes* [Tradução: José Severo de Camargo Pereira]. São Paulo: Editora Fulgor. 194p.
- REIS, J. C. (2006). Dilthey e o historicismo, a redescoberta da história. In: *História & Teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV. p. 207-46.
- SOUZA, C.P. S. (2001). Os anos 90: uma nova perspectiva para os estudos e pesquisas na Faculdade de Educação – Do convênio BID/USP ao Centro de Memória da Educação. *Cadernos de História e Filosofia da Educação*. v. IV, n. 6, p. 137-48.
- TOLEDO, M.R.A. (2007). Circulação de modelos de leitura para professores: a Atualidades Pedagógicas e a Biblioteca Museu do Ensino Primário. In: 30ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT02-3621--Int.pdf> (Acesso em 10 fev. 2010). 15p.
- VIDAL, D. G.; VICENTINI, P. P.; SILVA, K. N.; SILVA, J. C. S. (2005). História da Educação no Estado de São Paulo: a configuração do campo e a produção atual (1943-2003). In: GONDRA, J. G. (org.). *Pesquisa em História da Educação no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, p. 157-219.
- WARDE, M. J. (1998). Lorenzo Luzuriaga entre nós. In: SOUZA, C. P.; CATANI, D. B. (Orgs.). *Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente*. São Paulo: Escrituras. p.71-82.

Recebido em agosto de 2012
Aprovado em novembro de 2012